

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

© programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



É chegado o tempo de trocar os salões, onde se reúne o povo do mundo elegante, pelas amenas alamedas e prazenteiros jardins dos nossos pitorescos arrebaldes, para fugir aos rigores da estação calmosa, apreciando ao mesmo tempo os encantos da natureza, e gozando uma vida mais livre, conquanto mais monotona para quem não sente expandir-se-lhe o coração ao ouvir o suave cantico dos passaros em vez do trinado artistico das nossas *dilettanti*; ao ver trocadas as bambinelas de finos tecidos pelas de verde folhagem que se debruçam dos galhos do arvoredo; ao contemplar o variado esmalte das pétalas das flores em lugar do brilho igual e inalteravel das mil luzes que guarnecem o recinto mysterioso de um baile; ao sentir, finalmente, voar o pensamento á infunda abobada celeste a correr e perder-se entre os planetas encravados no azul que a embelleza, em vez de percebê-lo destacar-se de si para ir queimar-se nos fogos de um lustré pendente no meio de circumscripção espaço, ou escapar delles para ir assentar-se, como a mariposa que foge do fogo que a ameaça, na cornija que guarnece o dourado tecto, e ahí adormecer no indifferentismo ao som das equicadentes contradaças.

A vida que se vive em um baile e a que se vive em uma casa de campo formão um perfeito contraste. Um baile é a antithese de uma reu-

nião campestre como a convivencia social no meio de nossos adornados saloes é diversa da convivencia alegre que se faz á sombra de verdes alamedas, ou entre as flores do jardim cujo ar ellas embalsamão, ou á borda de um lago que reflecte as nuvens, ou á margem de um regato que corre furtivo por entre as pedras, temeroso que o brando murmúrio denuncie o correr de suas aguas crystallinas.

Parcece-nos que o nosso espirito se inclina mais para a vida poetica da contemplação da criação; e por isso folgamos com a chegada da estação calmosa.

Para se fecharem as portas dos ruidosos salões só nos falta a realisação de um baile do *Cassino Fluminense*. As outras sociedades estão tambem prestes a dormir no silencio enquanto a multidão que as frequenta vai disseminar-se pelos arrebaldes da filha de Guanabara.

Lá correrá a imaginação o mundo do bello a procurar impressões que a alma sensível acaricia sempre.

Lá folgará o espirito a escrever um poema em cada arvore, um pensamento em cada botão, um romance em cada flor, um entusiastico drama em cada jardim, uma historia de lagrimas em cada fonte, um hymno a Deos em cada madrugada, uma cantata á saudade em cada tarde, e

finalmente uma carinhosa lembrança em cada folha, e... um sauto amor em cada coração.

Sim, um sauto amor em cada coração; porque na vida campestre, na familiaridade pastoril, não se encontra a lisonja amante das galas e do luxo; nem as affeições contrahidas ante o espectáculo magnifico da natureza são passageiras, como as fugitivas frases que nascem no ruidoso

passajeo de uma sala tumultuosa para morrerem ao terminiar de cada contradaença.

Lá reinará o sentimentalismo, a pureza dos sentimentos nobres. Lá erguerá a amizade o seu throno, ante o qual desejamos que ligados pares arendão gyras, e queimem perfumes em sua honra.

Alma

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE PASSEIO E DE ESTAR EM CASA.

— Touca de ponto de Inglaterra enfeitada de laços de fita verde. Cabelllos elevados.

Vestido de nobreza preta lisa, saia guarnecida com nove folhos estreitos de nobreza, sendo cinco de nobreza preta, e quatro de nobreza rosa, entremecidos uns com outros.

Corpo de basquine afogado, aberto adiante, deixando apparecer uma fita larga roxa que vem de cima até abaixo da basquine, com duas pontas soltas na cintura que sahem de dentro da mesma basquine. Chama-se este enfeite de fita — uma écharpe.

Sub-mangas e collarinho de ponto de Inglaterra.

E' este um dos vestidos de mais novidade nesta estação: a Sra. Dona E. T. mandou fazer um azul com os folhos azuis e pretos.

VESTUARIO DE MENINA DE SEIS ANNOS.—Vestidinho de chita em caça, com babadinhos enfeitados de festão. O corpo é aberto adiante e deixa ver o peitilho de uma modestia feita de entremio bordado e folhinho de caça.

Chapéu redondo, de palha de arroz, enfeitado de flor s e lita.

VESTUARIO PARA UM MENINO DE TRES A QUATRO ANNOS.—Calcinha de cambráia bordada.

Saia de veludo escarlata, com um laço adiante de fita do veludo da mesma cor muito larga.

Camisa de cambráia com corpo franzido e jaquetinha redonda de veludo preto. Collarinho e sub-mangas de cambráia lisa.

Chapéu de palha enfeitado de veludo preto.

A MANTA.

(Continuado do n.º 45.)

III.

Meu irmão adoeceu; fui obrigado a partir. Passei algumas semanas em um estado difficil de descrever. Nada sabia de Maria. Tinha-lhe escripto muitas vezes, e não recebia resposta. Dois mezes se passaram neste isolamento.

Por fim entregáto-me um embrulho volumoso. Conheci a letra de Maria.. Era a manta! mas nem uma linha, nem uma palayra a acompanhava. No primeiro momento não sabia que pensar. De repente um raio de luz me illuminou, ou antes uma chama do inferno.

Recordet-me da ultima noite em que tão tristes voltámos a palacio; o meu braço sustinha Maria, que apenas podia andar. « Oh! disse ella, se não puder ser vossa, não terei força para

vól-o dizer nem para vól-o escrever; mandavos-hei a nossa manta; ella dirá tudo. » No estado em que então me achava, pouca attenção tinha dado a essas palayras. Agora me recordava dellas. A manta ahi estava... que dizia ella?

Dizia que os juramentos de uma donzella se escrevem na areia que o vento leva; que o seu amor é um sonho, que as suas affeições tem a fragilidade da garça transparente e leve de uma manta de baile.

A violencia do meu caracter reapareceu do subito. Tinha sido o ludíbrio de uma criança e da estolida delicadeza de meus sentimentos cavalleirosos. Delirava. Persegua-me uma idéa vaga contra toda a especie humana, porque, mal de meu grado, fazia esse rodeio para chegar a



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92.



Chapeau d'Alexandrine. Tournis de Paris. Dent d'Or. Vestibule et Clapnet de la M^{me} Gagelin. Lingerie de M^{me} Anna Smith. Robes et Tricots de Richelieu. Bayard. Corsets de M^{me} Clemenceau. Parfums de Sogrande pour le Duc de S. M. l'Empereur et des cours étrangères

Via Verbeke & Co. Amsterdam

LONDON at the Publisher's Office, 21, Abchurch Lane, NEW YORK, H. B. Straube 515

Maria. Lembrei-me de que eu tambem lhe podia fazer algum mal. Não me disse ella um dia: «Se esta manta for rasgada pela vossa mão, será essa a minha morte!»

— Ah! pois, o venturo da sua vida! este punhal... mas eu mistar Maria! Ah! não, não, elle não morrera. Mulheres de donzella, o vento as leva. Quando muito, mudor se estanca, ulgumas lagrimas; e depois o papel de nuíta, fitas, flores e o esquecimento. Pouco é isso para o mal que me causou; que importa, vora a minha despedida, saberá pelo menos, donzella caprichosa, quanto é desgrazado o trahir.

Com que prazer cruel fiz essa manta em dous pedaços! Contudo, vindo-as ainda na mão, volhei para elles, e meus olhos não puderam supportar a sua vista. Essa manta, oh! que recordações! Mas vorei logo da minha fraqueza; fiz um veni-brulho dos dous pedaços, sellero, tambem sem uma linha, sem uma só palavra. Fiz á preçu as disposições da partida. Ia deitar a minha por muito tempo; não subia ainda onde iria; mas indo para longe de quem me dilacerava o coração, pouco se me dava que fosse para o norte ou para o sul, para o mar ou para o deserto. Caminhava, porém, lér a certeza de que a manta e a minha vingança chegariam ao seu destino.

Parei á porta mais proxima do palácio de B.; conhecendo os arredores, facil me foi entrar no parque.

Era a dez de novembro, noite de outono, triste e silenciosa: só se ouvia o longuico retinir de algumas campainhas de rebanhos; as folhas amarelladas tinham substituido a verdura dessas arvores, a cuja sombra tantas vezes me havia abrigado nos dias mais felizes da minha existencia. Melancolico, acabrunhado, caminhava nessas alamedas, arrastando os pés por entre as dessecadas folhas; assim cheguei ás margens do lago. Tudo ahi estava ainda, o banco de relva, o ribeiro e o seu murmuro; só o ar era mais frio, a natureza mais sombria. Minhas lagrimas banhavam-me o rosto; senti-me deslallecer e dei um grito de desesperação ao levantar os olhos para o rochedo negro que me ficava em frente. O lago, ao longe, estava sem thovimento, o Céu sem sol, a terra sem verdura, os arbutos sem folhagem; na natureza e na minha alma tudo era luto e tristeza.

Quantos pensamentos lacerantes em uma só hora! mas era forçoso arrancar-me deste lugar, tão grato ainda ao meu coração. A noite assomava; sentei-me sobre um tronco de arvore, no caminho que conduzia á aldea; hesitava ainda. Parecia-me que era cruel, injusto, talvez. Ia rasgar a enxa do embrulho para me pôr na impossibilidade de enviar-o a Maria. Mas passa uma menina que levava a custa um agullete. Conheci-a; era uma das protegidas de Maria, uma pobre orfã que tudo lhe devia. Ella me conheceu tambem, que muitas vezes me havia visto na aldea com a sua protectora. Ao passar por mim, fez-me uma reverencia, acompanhada de um alegre sorriso; chamei-a, approxinou-se sem tirar os olhos do seu agullete.

— Boas noites, Margarida, lhe disse eu.

— Dizei-me, se talvez Mademoizelle Maria em caso? perguntou-me ella.

— Não sei, minha filha.

— Que se elle he e para ella...

— Quem he o marido? daguei vem?

— Ah! isto é segredo... Mas a vós, senhor, tudo se póde dizer. Tede que lindas flores...

— Flores! e para que?

— Para amanha. Voltastes sem novidade para assistirdes ao casamento?

— Encostei-me a um ramo de arvore para não cahir.

— Vede, continuou a orfã, todas nos fazemos as nossas gratias e eis a minha...

— Carante as flores e metei-me dentro a manta. Parecia-me que disse depois a orfã, a quem a fraca allargou sustura:

— Margarida, levar tambem esta offenda; dizei-me que é minha.

Poupar-vos-hel os tormentos da minha viagem. Ocho, lér por cortello a Italia, a Suiza e a Allemanha. Pulo espedei dessa viagem, dessa cortello fantastica; sem parada, atordado, onde nada senti, nada achei, nada vi além do meu mesmo e de meus lacerantes pensamentos. Não, não digo bem, vi alguma coisa mais. Vi, não sei onde, um general francez que cobria estas palavras: O conde de Givray assistiu o campo de batalla dos pares. Partiu para o meio dia da Franca em companhia de sua joven esposa, que se acha gravemente enferma. Madama de G... é filha do barão de H...

Poucos dias depois de lér este artigo do jornal cheguei á minha casa, situada bem no meio-dia da Franca.

O primeiro objecto que fixou a minha attenção ao entrar no meu quarto foi uma carta que ahi estava em cima da secretaria; rasguei o sobrescripto... Lêde: ei-la!

10 de novembro.

« Augusto, onde estás? verás estas linhas? Que pènas de mim? Muitas vezes onvi dizer aos que me rolaevão que eu por certo morreria; enganarão-se. Antes de exhalar o ultimo suspiro, carego de algumas palavras tuas, do teu perdão.

« Recebi as tuas cartas, mas não pude responder-te; só podia cobri-las com as minhas lagrimas no meu leito de pranto e flor. Mandei-te a manta, a nossa manta, a nossa cara e triste manta, e nem uma só linha á acompanhou; não, nem uma só palavra, que queria eu dispor-te a tudo o que de cruel linha á dizer-te. Tem corajehi, Augusto, eu á teréi tambem para te escrever, e depois...

« Oh! bem te dizia eu que para nós não havia porvir.

« Obrigava as minhas illusões a reconhecerem e a serem bellas; eis o meu crime! Oh! sim, foi dest'arte que eu me enganei e te dilacerei o coração. Mas, Augusto, eu á fizia para contentar-me, para ver-te feliz; perdoe-me.

« Via-te d'isto, e não era tudo; eis o meu unico, o meu constante pensamento. Queria prolongar essa nova existencia que te tornava a vida aprazivel; tudo cedia á esse desejo. Oh! fui fraca; desassistida, perdoe-me.

« De ha muito que eu suspeitava os projectos do meu pai. Conhecia o seu caracter; elle é bom, ama-me; mas é inflexivel. Não sabia precisamente que era ao conde G... que elle destinava a minha mão; mas bem sabia que a ti, Augusto, nunca elle a daria. Oh! eis o que me torna indesculpavel; devia ter-te fugido, occultar-te ao menos os meus sentimentos; não pude. Dei-te o meu coração sem saber eu mesmo que o dava. Eras tão amavel, tão bom, tão sensivel! Oh! perdoou-me.

« Eis o porque adiei de dia em dia as explicações que me pedias; ellas me pareciao offender a confiança que eu tinha em Deus; via que caminhavamos tão doceamente ao lado um do outro na borda do Abyssmo, que não ousava olhar em derredor de nós; só a ti via, Augusto, não podia largar o lugar que occupava perto do teu coração, desviar os meus olhos dos teus, receiosa de cahir e de não tornar a ver-te; porque, não grado os meus prescintimentos, não grado tudo, queria crer quando mesmo já não cria.

« Não, não resistirei a meu pai. Esta resistencia não me faria tua. Augusto, tem dó de mim; amanha assistirei a uma cerimonia; depois dar-me-hão um nome que não será o vosso; pertencerei a outro... mas... tranquillisa-te... não será por muito tempo.

1. Um unico pensamento me dá animo. Co-

nhacos tão bem o meu coração. Tu me perdoaras, não é assim? Guardaras a minha mão, o doce lago de tantas e tão felizes recordações! Ah! dá-te pressa em assegurar-me, meu Augusto, que ella estará sempre contigo; diz-me que, pouco a pouco, ella te será menos penosa; que ce-sará de enxugar lagrimas; derramarei tantas sobre ella, que te peccarás! Amanha reunirei as minhas forças... ninguém saberá quanto soffro... minha mãe somente lá do Céu... talvez... me verá... obedeço; é tudo quanto posso fazer; mas o meu coração... o meu coração é teu, Augusto, teu para sempre. Adeus!

Comprehendeis vos a impressão, e depois a horrivel dor que esta carta me causou? Era o dia de 10 de novembro: haviam-se passado cinco mezes. Na noite desse mesmo dia, desse mesmo 10 de novembro, tinha ella recebido a carta em dois pedaços; e a puhalada que dera a minha mão havia penetrado no coração, e nem uma linha, nem uma palavra minha em resposta a essa carta de ternura, de pesar e de perdão.

Estava fora de mim. Os cavallos que me haviam conduzido ainda estavam no pátio. Parti incontinentemente. Tinha de passar pelo palacio de B... para saber onde se achava a ariá. Um guarda do bosque me indicou a quinta do conde de G... na Provença... Allum cheguei.

(Continúa.)

POESIA.

A' UMA ROLA.

Linda rôla gemedora,
Que suspiras noite e dia,
Troca as notas da tristeza
Pelos cantos da alegria.

Porque, ó terna innocente,
Andas sempre tão tristonha?
Porque não sabes apressada
Dessa habitação medonha?

Ah! deixa o bosque onde vives,
Deixa essa mata frondosa!
Vem morar entre as flo-inhas,
O' avesinha mimosa!

Não sabes que a solidão
A' tua dor é fatal?
Vem lançar-te nos jardins,
Vem esquecer o teu mal!

Vem, oh! vem, innocentinha!
Que has de aqui sempre encontrar
Queim doce a tua vida,
Queim mitigue o teu pesar.

Mas... não, infeliz, não tomes
Os conselhos que te dei;
Porque eu 'stava delirando
Quando tão louca fallei.

Eu te conjuro, não venhas
Neste mundo te lançar,
Onde só vyleza, engano,
Poderás triste encontrar.

Vive, imagem de minha alma,
Vive em paz na solidão:
Aqui su-piros e queixas
Não inspirão compaixão.

Eu quizera (mas não posso!)
Também o mundo deixar,
Para contigo ir viver,
Para contigo ir chorar;

Em teu retiro isolado
Meus tormentos esquecer;
Deixar do mundo as chiméras,
E cecéxada viver.

Quizera passar contigo,
O' rola, meus dias tristes;
Viver a vida que vives,
Existir qual tu existes.

Quizera contigo nessa
Tão solitária espessura
Ver ao dia succederem
As trevas da noite escura;

Ouvindo ao romper da aurora,
Sentindo ao findar do dia —
Tuas cadeiras santosas,
A tua melancolia.

E juntas vivendo assim,
Tu gemendo, eu suspirando;
Tu esquecida de tudo,
Eu de tudo me lembrando:

Carpira o destino meu,
Lamentara a minha sorte,
No desengano da vida,
E na lembrança da morte!...

Em vão!... Mas já que não posso
Em paz contigo habitar,
Estorvando teus gemidos
Não te quero importunar.

Avesinha, adeus! não cuides
Nos tristes lamentos meus:
O meu refugio é a morte...
Minha esperança, só DEUS!

Guilhermina Santos.

A' MINHA FILHA.

(Tradução:)

O lago de prata
Que cêrca a planície,
Em a superfície
Retrata
Se a luz reverbera,
As verdes raminhas
E a hera
Que nellas se atta
Por suas gavinhas;
Reflecte nitente
Ridente
Manhã...
E o Céu tão de anil,
E as nuvens de rosa
Mimosa
E gentil
Qual seda louçã.
— E em extasi, quando
Alguem admira
A onda espalhando,
Ond' o Céu se mira;
A brisa
Vem, mihi docemente,
E breve

Se affasta;
Mas, basta,
Sómente,
A lisa
Planura
Do lago,
Em mimoso affago,
De leve
Roçar,
Para, de repente,
Turbar
A lymphã tão pura
Que espalha a Natura:
E o brilho de tantos
Encantos
Que o lago espalhou,
Um instante bastou
P'ra a brisa o affuscar.
— Assim, o filhinha,
Só basta um desejo,
Suspiro um sómente,
Que n'alma se aninha
Para em seu hafejo
Turbar

A canção
 D'uma shutta para,
 D'um peito innocente.
 — Do lago a tào-lisa
 Planura,
 Que a jurisa
 Kurugou.

Made enjouer;
 Mas quem em seu peito
 Amores guardou,
 Socogo perfeito
 Já mais ha de achar!

Rio, Outubro 29 de 1854.

Jacson.

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM.

Não te esqueças de mim! Quando sósinha,
 Pensativa, a seiscinar, munda e sem cores,
 Passeares descuidosa em teu jardim,
 Cuidando as plantas e sorrindo ás flores,
 Não te esqueças de mim!

Quando voltares fatigada, arfante,
 Beijando alegre as flores que apunhaste,
 E escolheres o pallido jasmim,
 D'entre todas a flor que mais beijaste,
 Não te esqueças de mim!

Quando depois sentares-te risulva,
 Revolvendo tua costura de costura,
 Molestando tuas saias de setim,
 Tão bella e meiga, tão suave e pura,
 Não te esqueças de mim!

E quando á tarde, ao expirar do dia,
 A' beira-mar fores passear sentida,

E as conchilhas mais alvas que o marfim
 Apaulares da praia adormecida,
 Não te esqueças de mim!

Não te esqueças de mim! Contente ou triste,
 Pensativa, a seiscinar, linda ou sem cores,
 Passeando á beira-mar ou no jardim,
 Na mesa da costura ou entre as flores,
 Não te esqueças de mim!

Não te esqueças de mim! Olhando a tarde,
 E o sol e o dia que se vão morrendo
 No céu, na terra... mas de modo emfim,
 Que distante daqui, que não me vendo,
 Não te esqueças de mim!

Q. B.

Rio de Janeiro, Outubro de 1854.

CORREIO DOS SALÕES.

Quando Byron estava morrendo, chegando-se
 alguém junto a seu leito, disse-lhe elle estas pa-
 lavras mysteriosas e grandes, que encerrão tal-
 vez todo o segredo da existencia: — *Agora vamos
 dormir!*

Com effeito o sonho é o unico prazer da
 terra, como o sonho é a unica realidade da vida!
 O sonho é uma dessas concessões que Deus fez
 ao homem, como se não quizesse que elle vivesse
 em uma morte eterna, porque o sonho é o des-
 pertador dos sonhos, e sonhar é viver. Quem
 sabe que de pensamentos tristes não esvoaçavam
 pela cabeça do poeta nasquelle hora solenne em
 que elle sentia refluir-se todo o sangue do co-
 ração para ali congelar-se, quando as sombras
 da morte já vagueavam pallidas e incertas junto
 a seu funebre leito?

Agora vamos dormir! Tu não sei que im-
 pressão estranha casarão em mim essas pa-
 lavras soltas. E ellas devem merecer muito peso,
 porque eu estou habilitado a dizer que nesse mo-
 mento não erão as sombras do cognac queimado,

nem a espuma da agua de Seltz, que sombreavam
 a imaginação do poeta e lhe acordavam no peito
 a hypocondria, não: nesse instante sublime, em
 que elle estava seintindo os vãos de sua alma
 para uma região que lhe era desconhecida, em
 que sentia o frio da sepultura vir-lhe coando o
 sangue pelas veias, não erão as lembranças da
 terra que o lazão existir, erão os archanjos
 do Céu que lhe allumiavam a alma!

Agora vamos dormir! Tenho ouvido tantas o
 em tão diversas occasiões estas palavras, que
 ellas para mim revelád-me tantos segredos, des-
 cortináu-me tantas scenas de encanto, desven-
 dão-me tanto mysterio, explicão-me tanta cousa,
 fallão-me de um modo, que eu não pude deixar
 de commover-me quando as li, tão singelas e
 despidas, como folhas marchas de uma grinalda
 sem brilho e sem perfume, sômente a recordar
 encantos passados, venturas que não voltão
 mais!

Quando duas crianças, tão terribas uma para a
 outra, tão innocentes em seus brinquedos, tão

castas em seus pensamentos de archivos, fáb-
puras em seus semblantes d'árvores, tão celestes
em sua caudura, tão rítmicos e melícos, tão con-
tentes e felizes; quando um um traço peque-
rímo, em sua terra exaromada, caçados de cor-
rerem pelo jardim, de apañarem o beijarem as
flores, de terem-as regada, de terem-nhas ele-
gante a vida, com a terra juntada a suas leuras,
raizes por suas próprias mosaduras, ao morrer
do dia, depois de se haverem recolhido, de ha-
verem resado deliante de sua imagem, depois de
terem recebido a benção de seu pai e o beijo de
sua mãe, deitão-se silenciosos e quietos em seus
leitos, tão alkos como a pândicez de sua alma
volião-se, sorrindo uma para a outra, e dizem
languidamente: — *agora vamos dormir!*

Quando duas moçinhas igualmente innocentes,
ambas da mesma idade e da mesma belleza, de-
pois de voltarem do baile, fatigadas e arfantes,
respirando ainda os aromas das flores e o per-
fume das essencias, deitão-se, tam, em lugares
e quebradas, em seus leitos encortinados, e con-
versão muito tempo uma com a outra, contan-
do-se mutuamente seus sonhos, seus pensa-
mentos, as palpações que tiveram no baile, os
sustos de sua alma, os sobresaltos de seu co-
ração, sua vida enfim, com os olhos já meio-
cerrados pelo quebranto do somno, envolvem-se
poeticamente nas alvas de seus leitos, e dizem
frouxamente: — *agora vamos dormir!*

E o noivo que se dirige pela primeira vez á
sua noiva, nessa noite que não tem descripção,
nesses momentos de suave magnetismo, em que
sô os olhos se fallão, os labios mal se agitam
n'uma crispção nervosa, as mãos se apertão e
os seios palpitação acoadadamente, também devem
dizer-se mutuamente depois dessa conversação
muda, silenciosa e eloquente até a sublimidade,
frouxamente, timidamente, com medo, com re-
cato, com poesia enfim, ao ouvido um do outro:
— *agora vamos dormir!*

E o *Correio dos Sabões* também esteve dor-
mindo, sem se achar em caso nenhum em que
tivesse occasião de encovidar ou prevenir: que in-
dornir. O *Correio dos Sabões* dormiu por largo
tempo, e acordando hoje, ainda vem esfregando
os olhos e movendo-se propiçiosamente. Não
sabe de coisa alguma; está achando todo isto
eseranho; parece-lhe que vem de outro mundo;
não conhece mais ninguém; não acerta com a
entrada dos salos; ouve casos e histórias, e não
pode comprehendel-as.

Oh! é bem verdade, o *Correio dos Sabões* está
bem mudado, bem modificado!

Se lhe fallão no *Casimiro*, elle procura recordar
o que isso é; sabe apenas que se vai construir
um magnifico edificio para essa esphérica socie-
dade, e a lhe fallão tam, na sociedade. — *A
cadia*, de um gigantesco projecto que elle pre-
tende realisar, de grande utilidade e serviço;
mas o pobre do *Correio* está estranho a tudo.

Se lhe fallão em casamentos, elle nem mais
sabe o que isso quer dizer. Dizem-lhe que o pa-
quete da Europa já chegou, que Sebastião vai
ser tomado, que Saint-Amand morreu, e o *Cor-
reio* mostra-se alho e ignorante de tudo isso.
Do fervoroso entusiasmo pelo beneficio da Cha-
ton, dos presentes que lhe foram, dos applausos
que lhe prodigiarão, do acompanhamento
triumphal que teve até sua casa, onde bradou
os seus collegas artistas musicos com um *cou-
p d'aqua* e muitos de bom e custoso vinho — tudo
isso ignora.

Enfim, está verdadeiramente ignorante; de
nada sabe, em nada pôde interessar desta vez.
A culpa não é delle de certo; mas enfim as mi-
nhas-lituras podem atirar-o a um canto, e se
estiverem deitadas na occasião de o lerem, digão
tambem como Byron: — *agora vamos dormir!*

Benjamin.

BOLETIM THEATRAL.

Ha bastante tempo que as nossas leitoras não
recebem um boletim theatral, talvez porque a
espiritnosa *Alina* frequente pouco os theatros,
ou porque não seja apaixonada por este genero
de divertimento, e prefira antes os bailes, onde
aprecia a musica, cujo gosto lhe percebemos já
nos boletims com que tem mimosado o *Jornal
das Senhoras*. E' isto desculpavel porque somos
a primeira a confessar que as senhoras poucas
vezes pensão naquillo que lhes não é particular-
mente agradável; e nós mesma chegamos até a
esquecer tudo quanto nos é fastidioso.

Pôde ser que isto se possa considerar um
vicio; porém asseguramos que por tal o não
classificamos; e entendemos que a impressiona-
bilidade que nos é natural nos induz a nos dis-
trahirmos do que se nos torria indifferente, para
attendermos ao que nos causa interesse; e nos

aconselha mesmo a procurar esquecer o desagra-
davel para que a imaginação se não vista de
luto, e o riso não se murcha sobre o nacar dos
labios ou sobre o carmin das faces. Esta mes-
ma razão sirva para explicar como é que um ca-
valheiro impertinente é sempre esquecido, e
sempre desconhecido para ter repetidas occa-
sões de se tornar fastidioso á mesma senhora.
Em geral este facto é explicado de modo diffe-
rente, dando-se a nossa bondade como a causa de
soffrermos terríveis obs:quiosidades.

Como quer que seja, o mundo, que se tem en-
carregado de explicar tudo, explique tambem
isto como lhe aprouver, enquanto nós-nos occupa-
mos com o theatro.

Havia tempo que o mundo theatral não offe-
recia factos notavel depois que M.^{me} Stoltz se re-
tirou da scena, onde tiveram logar phases bem

diversas para a vida artística da eximia actriz, que foi desgostada da vassalagem que havia feito, e que contra ella se rebelou depois de a haver corado: o que parece indicar que a maioria do nosso publico applaude sem consciencia, e hostilisa porque algum rabiscador de artigos enuncia, por seu unico interesse, quanto sophisma ou calunnia lhe apraz, e que desgraçadamente faz proselytos, talvez tao ignorantes como os rabiscadores em materia de scena e de musica.

O mundo é um theatro grande; e, como nelle, n'um theatro lyrico ou dramatico succedem-se constantemente personagens que daa conta do papel que lhes competem e despedem-se para dentro dos bastidores ou de uma cova em algum dos cemiterios: e neste constante apparecimento de personagens coube a vez a M.^{me} Charton e Casaloni o desempenho de suas funções no nosso theatro.

Seria uma censuravel redundancia querer agora descrever neste boletim as qualidades de M.^{me} Charton, e fazer-lhe a apologia do seu merecimento. Ninguem ha que a nao conheça para carecer ainda de uma noticia para poder apreciar-a. O seu beneficio foi o seu triumpho, e nós a felicitamos por haver recebido a sincera prova da opiniao publica a seu respeito. Dizemos a sincera — porque deve a digna artista lembrar-se das contrariedades porque passou M.^{me} Stoltz, e não podemos assegurar-a na persistencia do publico a seu respeito.

A Sra. Casaloni, artista de não menor mere-

cimento tem servido de pretexto a algumas tentativas sinistras, as quaes sem duvida ella não presta assentimento; mas tambem reconhecemos que não pôde cohibir.

Lamentamos que um publico illustrado, como o desta corte é, se deixe seduzir por algum mal intencionado para promover a dissidencia entre os artistas, e assim concorrendo (como já tem acontecido) para que apreciaveis talentos se não conservem entre nós.

Só percebemos um meio de neutralisar os planos da intriga que se tenta fazer valer; e vem a ser — o aprego reciproco das duas cantoras, e as manifestações publicas que ellas e outra se prestarem de sincera estima; com o que tanto mais estimadas serao, quanto asseguramos que serao concordes com a opiniao sensata a respeito de ambas; e assim terao neutralisado os partidos e intrigas que se tornáram aggressivos a ambas contra os desejos inconsiderados dos menos habéis apreciadores do verdadeiro merito.

Perdoem estas cantoras que lhes queiramos dar conselhos; mas aventuramo-nos a enuncial-os, porque são elles dignos dellas e da sua sincera apreciadora.

Anunciámos ás nossas leitoras a chegada de mais uma artista para o nosso theatro lyrico; é a Sra. Rachel Agostini, prima-dona soprano, que chegou de Lisboa e no sabado fará a sua estréa na parte de Elvira do *Ernani* de Verdi.

Corina.



CHARADAS.

Como é longa a que se passa
Entre dores e amarguras! 1.^a e 2.^a
Sou de todos odiado
Pelas minhas travessuras! 2.^a e 3.^a

Quando nasço, salto montes;
Sempre correr é meu fado;
Até que por fim me traga
Um soberbo potentado. 4.^a e 5.^a

Tu encerras quem me anima
Nas minhas tribulações;
Ahi, de todo se acalmão
Minhas cruéis afflicções.

J. R. S.

Roma sem mim, meus senhores,
Perde o ser, nome e grandeza;
E, fallando com franqueza,
Só conv.r pôde a pintores. 1

Patria de heroico
Povo guerreiro,
Que leis dietou
Ao mundo inteiro. 2

Quanto mais nobre é meu ser,
Mais se me aperta a prisão;
E nao sei como não morro
Por falta de inanição.

Julietta.

As charadas do n.º 45 são: 1.^a, *Calção*; 2.^a, *Feretiro*.

Acompanha este n.º 46 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.